Editorial

ARS, publicação quadrimestral do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da ECA/USP, busca reunir trabalhos relevantes no debate das artes e da cultura, produzidos no meio universitário e fora dele, preferencialmente inéditos, com destaque para as artes plásticas. Caracterizada pela diversidade de focos temáticos, áreas de especialidade e filiações teóricas de seus colaboradores, a revista acolhe a eventual ausência de unidade que pode marcar suas pautas como um aspecto produtivo, revelador da situação da pesquisa acadêmica em arte no Brasil. A opção por deixar tal diversidade vir à tona decorre do reconhecimento de especifidades locais e regionais que se manifestam no contexto da pós-graduação em artes num país sem grande tradição universitária nesse campo e, além disso, marcado por suas dimensões continentais, condições que facilitam a pulverização dos focos de interesse. Ademais, a heterogeneidade de interesses às vezes se manifesta no interior de um mesmo Programa de Pós-Graduação, porquanto em muitos deles convivem lado a lado áreas voltadas à formação de artistas, com suas práticas e grades curriculares mais experimentais, e áreas voltadas à formação de teóricos e historiadores, cujos currículos e trajetórias requerem estruturas mais sistemáticas e a lida com campos disciplinares tradicionais.

Em sua 34ª edição a revista convidou a artista Leda Catunda para a produção da capa e do ensaio visual. Leda selecionou desenhos em aquarela que parecem aludir aos tecidos vasculares, cavidades, mórulas, casulos, línguas e outras formas orgânicas que conferem humor e ironia a suas pinturas e colagens. Abre a publicação uma conversa entre Rosalind Krauss e Yve-Alain Bois, vertida para o português pelo mestrando Leonardo Nones. Por ocasião do lançamento de *Under Blue Cup*, mais recente livro de Krauss, a historiadora e crítica de arte debate com Bois, num diálogo vivaz e combativo, a centralidade da noção de forma na arte experimental do século XX – a noção de forma tendo se reconfigurado, em sua reflexão, no conceito de *medium*, lugar, afinal, onde se travariam os enquadramentos e embates institucionais

da arte contemporânea. Proporcionando ao leitor um foco mais aprofundado no pensamento desses dois grandes críticos e historiadores da arte moderna e contemporânea – ambos, não raro, tidos como "formalistas" no debate mais recente da arte – o texto *Formalismo de quem?,* de Yve-Alain Bois, traduzido pela artista Célia Euvaldo, retoma em novos registros questões examinadas na entrevista, desconstruindo pressupostos fáceis sobre a noção de forma. Tachado de "formalista" com pendor greenberguiano, Bois refuta a filiação, reconhece o essencialismo de Greenberg, dessa maneira revelando a importância do legado do pós-estruturalismo em sua obra, recobrando a historicidade do trabalho de arte e do trabalho da crítica que o perscruta, cotejando as análises que, em polos opostos, autores como Greenberg e T. J. Clark dedicaram à pintura de Jackson Pollock.

Em *Mário Pedrosa: as ideias,* o pesquisador Marcos Faccioli Gabriel propõe uma reconstrução crítica dos conceitos mobilizados por Pedrosa em seu percurso teórico, assinalando tensões e mudanças em seu pensamento sobre arte, bem como os pontos de intersecção de suas reflexões com movimentos culturais do último século. O artigo de Rosi Leny Morokawa, por sua vez, apresenta e refuta, a um só tempo, pontos cruciais da teoria estética de Morris Weitz, filósofo norte-americano pouco estudado no país; Morokawa revê, em especial, a posição do autor de considerar "arte" um conceito aberto, impossível de ser definido e integrado como objeto de uma teoria.

Os três textos subsequentes formam um núcleo dedicado a Alfredo Volpi, ao qual a revista introduz pela escrita poética de Murilo Mendes, dedicada ao pintor. O artigo do pesquisador Carlos Pires examina a fortuna crítica de Volpi e enfatiza sua produção em têmpera, dos anos 1940 em diante, ressaltando convergências entre a simplificação própria àquela técnica e as diretrizes do projeto construtivo brasileiro. Já *Alfredo Volpi: paisagem, memória e imaginação*, da artista Taís Cabral Monteiro, egressa do PPGAV-ECA-USP, apoia-se sobretudo nos depoimentos de Volpi para resgatar aspectos de sua poética, materiais e procedimentos recorrentes, empreendendo uma pesquisa minuciosa dos pigmentos de sua predileção. O ensaio *Veneza em Volpi*, contribuição original do artista Marco Garaude Giannotti, busca lastros na história da arte para conjecturar uma proximidade da obra de Volpi com a

cidade italiana, berço da pintura de ampla variação de matizes, tanto no tratamento luminoso da cor quanto nos enquadramentos e angulações de suas paisagens urbanas.

Outras contribuições originais da pós-graduação brasileira na área de artes podem ser conferidas no texto de Soraia Pauli Scarpa e Antonio Takao Kanamaru, sobre o papel do Instituto de Arte Contemporânea do MASP na formação de uma moda moderna brasileira na década de 1950, como também na análise de Lucas da Cunha Zamberlan sobre *Pathé-Baby*, livro de António de Alcântara Machado, publicado em 1926, que emularia na literatura procedimentos cinematográficos, em particular o tipo de focalização do olhar que, à época, era propiciado pela câmera de 9,5mm aludida no título, supostamente capaz de registrar o mundo à volta com máxima objetividade.

As mútuas implicações entre estética e política, assunto que atravessa com frequência as páginas da *ARS,* comparecem em artigos como *Entre exposição e desaparecimento: por uma ética das imagens do rosto*, de Leandro Rodrigues Lage e Mariano Klautau Filho, centrado nos trabalhos dos artistas paraenses Éder Oliveira e Wagner Almeida, e na pesquisa de Ana Carolina Santos sobre a produção contemporânea de imagens a partir de fotografias de mortos e desaparecidos nas ditaduras civil-militares do Brasil, Argentina e Chile.

A edição se completa com um conjunto específico de textos do artista norte-americano Robert Smithson, especialmente traduzidos para a revista; trata-se de anotações jamais publicadas em vida, mas que se mostram cruciais à compreensão da obra de Smithson, uma vez que foram escritas num período em que o artista produzia trabalhos-chave em sua carreira, como *A Heap of Language* (1966), *Spiral Jetty* (1970) e *Broken Circle/Spiral Hill* (1971).

Por fim, a *ARS* lança a primeira convocatória do projeto experimental Diálogos com a Graduação, aberto a jovens graduandos interessados em aprimorar sua formação teórica, no intuito de colaborar para a disseminação do interesse pela pesquisa acadêmica em arte no Brasil, com ênfase nos campos da estética, da história, da teoria e da crítica de arte.